

CONSTRUINDO OLHARES E PRÁTICAS NÃO MEDICALIZANTES EM EDUCAÇÃO E SAÚDE: EXPERIÊNCIAS DE PARCERIAS COM UM PROJETO DE EXTENSÃO

Jair Ronchi Filho
DTEPE/CE/UFES
Jarofi310562@gmail.com

Elizabete Bassani
DTEPE/CE/UFES
betebassani23@gmail.com

Débora Nascimento de Oliveira
debora-no@hotmail.com

Beatriz Pombo Spinassé Duarte
beatrizspinasse@hotmail.com

Eixo temático: A formação de professores
Pôster de pesquisa

Resumo: Estudos constataam a existência de grande procura por atendimento para alunos de escolas públicas em Unidades de Saúde em regiões brasileiras. Essas crianças e adolescentes muitas vezes são encaminhadas devido à queixa escolar. A resposta dominante dos serviços de saúde é o diagnóstico de diversos transtornos e prescrição de medicação, sendo o medicamento mais prescrito o Metilfenidato. O Brasil está em segundo lugar no mundo no consumo dessa substância. Dados da cidade de Vitória são preocupantes, pois se considerarmos a venda por Unidades Físicas Distribuídas (UFD) a cada 1.000 habitantes, nossa capital fica em terceiro lugar no Brasil. Diante desses dados, desenvolvemos um projeto de extensão que teve início em 2016, com o objetivo de promover estudos, pesquisas e formação de professores de escolas públicas localizadas na região da Grande Vitória, assim como de profissionais de saúde e estudantes de cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e de outras instituições de ensino. Realizamos encontros de estudos tendo como tema a Medicalização da Educação. Organizamos palestras, congressos, seminários e realizamos convênios com instituições locais e nacionais. Participamos de reuniões com equipes de secretarias estaduais e municipais.

Palavras-chave: Práticas Desmedicalizantes. Medicalização da Educação. Formação Profissional. Despatologização.

Introdução

Estudos brasileiros constataam a existência de uma grande procura por atendimento para alunos de escolas públicas em Unidades de Saúde. Essas crianças e adolescentes muitas vezes são encaminhadas devido à queixa escolar. Frequentemente, em decorrência das concepções utilizadas pelos profissionais que realizam o atendimento dessas crianças e adolescentes, ocorre um processo de culpabilização dos mesmos, pela via da patologização dos problemas escolares que se configurou ao longo de nossa história como uma insistente desconsideração das múltiplas determinações do contexto da aprendizagem. Ocorre também uma culpabilização das relações familiares, transformando questões complexas, muitas vezes sociais, em problemas médicos, relacionando-os exclusivamente ao indivíduo em particular.

Pesquisas recentes têm demonstrado que a resposta dominante dos serviços de saúde é indicativa de uma prática que vem se generalizando: o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Dislexia, Transtorno de Oposição Desafiadora (TOD), entre outros, em crianças e em adolescentes, sendo medicados na grande maioria dos casos, sendo o medicamento mais prescrito o metilfenidato, comercializado no Brasil com os nomes de Ritalina e Concerta.

Segundo a Anvisa (2013), apesar de “as evidências sobre a eficácia e segurança do tratamento com o metilfenidato em crianças e adolescentes, em geral, têm baixa qualidade metodológica, curto período de seguimento e pouca capacidade de generalização” (BRATS, 2014:9), o consumo dessas substâncias cresce a cada ano. O Brasil está em segundo lugar no mundo no consumo do Metilfenidato, sendo a região Sudeste a que apresenta o maior número absoluto desse consumo. Destacamos os dados da cidade de Vitória, cenário deste estudo, por serem preocupantes, pois se considerarmos a venda por Unidades Físicas Distribuídas (UFD) a cada 1.000 habitantes, nossa capital fica em terceiro lugar no ranking no Brasil, atrás somente de Porto Alegre e Goiânia. Esse ranking considerou dados de 2008 a 2013 e os dados de Vitória variaram de 1,6 (2009) a 16,1(2012) UFD/1.000 Hab.

A partir desses dados e do aumento de encaminhamentos de alunos da rede pública do município de Vitória para serviços de saúde e com isso o crescente uso de medicamentos como a Ritalina e Concerta em nossa capital, consideramos de fundamental importância realizarmos estudos e discussões sobre o tema “Medicalização da Educação”. Por isso desenvolvemos um projeto de extensão a partir do ano de 2016 que tem como objetivo promover estudos, pesquisas e formação de professores de escolas públicas municipais e estaduais, localizadas na região da Grande Vitória, assim como de profissionais de saúde e estudantes de cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e de outras instituições de ensino que tenham interesse no tema Medicalização da Educação.

Esta iniciativa se justifica face à preocupante constatação de que o Brasil é o segundo mercado consumidor mundial de metilfenidato, sendo que a venda deste medicamento aumentou em 775% na última década.

Objetivos

Objetivo Geral

Contribuir com a formação de profissionais da área de saúde e de professores da educação superior e de educação básica de escolas públicas municipais e estaduais, do campo e da cidade, assim como de estudantes de cursos de graduação e pós-graduação da Ufes e de outras instituições de ensino superior que tenham interesse no tema Medicalização da Educação.

Objetivos Específicos

- Criar espaços de formação profissional com o tema Medicalização da Educação.
- Promover intercâmbios com outras instituições, com vistas à criação de projetos interinstitucionais e interdisciplinares.

- Organizar simpósios, congressos, seminários, encontros, reuniões científicas, exibição de filmes, cursos de atualização e convênios com entidades e grupos nacionais e internacionais tendo como tema central a Medicalização da Educação.

- Propiciar aos alunos de graduação e pós-graduação da Ufes e de outras instituições de ensino superior, oportunidades de colaboração e acompanhamento do trabalho de formação de profissionais da área de educação e saúde por meio do ensino e do desenvolvimento de projetos de intervenção que tenham como tema central a Medicalização da Educação.

- Incentivar a produção e publicação de trabalhos acadêmicos.

Metodologia

Realizamos encontros quinzenais com duração de quatro horas, no Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Processos de Aprendizagem, Cognição e Interação Social (Niepacis), núcleo ao qual esse projeto está vinculado, com o propósito de realizar estudos tendo como tema central a Medicalização da Educação. Esses encontros são realizados com estudantes de graduação e pós-graduação e com profissionais interessados no tema. Nesses encontros, além do estudo de bibliografia específica, são exibidos filmes relacionados com o tema e a análise de estudos de casos e situações vivenciadas pelos participantes.

São ainda organizados simpósios, palestras, congressos, seminários, encontros, reuniões científicas, cursos de atualização e convênios com entidades e grupos locais e nacionais.

Participamos de reuniões com equipes de secretarias estaduais e municipais, assim como com o corpo técnico de escolas públicas com o propósito de analisar questões referentes à Medicalização da Educação no contexto institucional, a partir da demanda que é apresentada ao Niepacis.

A partir da demanda de órgãos públicos estaduais e municipais participamos da formação de profissionais da área da saúde e da educação.

Resultados

Quando iniciamos o nosso projeto de extensão, tivemos uma ampla procura para nosso grupo de estudos de um público muito heterogêneo composto de alunos de graduação da Ufes e de outras instituições de ensino superior, professores de escolas públicas municipais e estaduais do Espírito Santo, profissionais da área de saúde, tais como: psicólogos, assistentes sociais e fonoaudiólogos de Unidades de Saúde do município do Vitória e alguns pais de alunos com diagnóstico de TDAH e Dislexia.

Após alguns meses de funcionamento do grupo e divulgação de nosso projeto de extensão, começamos a ser convidados para encontros, palestras, mesas e seminários no município de Vitória e em outros municípios do Espírito Santo. Todos esses convites tinham como demanda a formação de professores e de profissionais da área de saúde a partir da realização de discussões sobre a Medicalização, principalmente no âmbito da educação.

Durante os dois anos de existência do projeto de extensão, já desenvolvemos inúmeras atividades a partir de demanda apresentada por integrantes do grupo de estudos ou por profissionais e estudantes de outras instituições. Entre elas destacaremos a seguir algumas ações desenvolvidas.

Diante dos estudos que vínhamos desenvolvendo no ano de 2016, surgiu uma demanda do grupo de estudos de organizar uma palestra que intitulamos “Aproximações entre Foucault e Marx”, que ocorreu em julho de 2016, no auditório do Centro de Educação da Ufes e teve um total de 100 participantes.

Recebemos o convite de compor uma mesa redonda intitulada “Medicalização do processo ensino-aprendizagem na educação especial: estratégias de enfrentamento”, no III Seminário de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão. Essa mesa aconteceu em dezembro de 2016, no município de Domingos Martins (Seminário organizado pela Secretaria Municipal de Educação de Domingos Martins). Esse convite ocorreu devido ao alto índice de estudantes da educação infantil e do ensino fundamental encaminhados para profissionais de saúde para diagnóstico devido à queixa escolar. Esse seminário

teve como público aproximadamente 100 professores da educação especial do município.

Organizamos um cineclube tendo como proposta a exibição e análise do documentário “Tarja Branca – a revolução que faltava”, que aborda a importância das brincadeiras nas vidas dos seres humanos, fazendo uma evidente crítica aos remédios conhecidos como “tarja preta”. Essa atividade foi desenvolvida em abril de 2017, no auditório do Centro de Educação da Ufes e contou com a presença de 60 participantes, predominantemente estudantes de graduação e pós-graduação do Centro de Educação, além dos integrantes do grupo de estudos.

Em maio de 2017 fomos convidados para ministrar uma palestra intitulada “Medicalização do processo ensino-aprendizagem: conceito e fundamentos teórico-epistemológicos”. Essa palestra foi realizada na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ocorreu em maio de 2017, tendo como público estudantes de graduação e pós-graduação do curso de Nutrição da UFMG. Essa palestra teve desdobramentos interessantes, como a criação de um projeto interinstitucional entre o Grupo de Estudo, Pesquisa e Práticas em Educação, Alimentação e Nutrição (Gean) da referida universidade e o Niepacis.

Trata-se de um projeto para estudos de práticas não medicalizantes em ações de educação alimentar e nutricional, no contexto da alimentação coletiva, com ênfase nas seguintes áreas: alimentação escolar, alimentação subsidiada para populações em alta vulnerabilidade social e nutricional (restaurantes populares e banco de alimentos) e alimentação para fins especiais (Banco de Leite humano). Práticas essas de incentivo ao consumo de alimentos *in natura*, minimamente processados e regionais em detrimento aos alimentos ultraprocessados e aos suplementos, bem como o incentivo ao aleitamento materno em detrimento às fórmulas infantis, sem indicação clínica.

Ainda em maio de 2017, os coordenadores do Niepacis organizaram a mesa intitulada “Despatologizar a Vida: a escola como espaço pedagógico”, tendo como palestrantes as Professoras Doutoras Cecília Azevedo Lima Collares e Maria Aparecida Affonso Moysés. Essa mesa foi realizada no auditório

do Centro de Ciências Exatas da Ufes e teve um público estimado de 200 participantes, composto principalmente por profissionais e estudantes das áreas de Educação e Saúde.

Após a realização dessa mesa, começamos a receber convites de inúmeras escolas de educação infantil e ensino fundamental do município de Vitória para realizarmos palestras e rodas de conversa com suas equipes pedagógicas e de professores, tendo como tema a Medicalização da Educação. Já estivemos em quatro escolas da rede municipal e estamos com mais dois encontros agendados para o segundo semestre de 2018.

Uma de nossas ações que trouxe inúmeros desdobramentos foi a realização de uma roda de conversa intitulada “Conversando sobre a medicalização do processo ensino-aprendizagem”, realizada em maio de 2018, no auditório da Secretaria Municipal de Educação de Vitória, com 40 funcionários que compõem as divisões de ensino. Nosso encontro produziu inúmeros questionamentos aos modelos tradicionais de atuação profissional em educação e a necessidade de construção coletiva de práticas alternativas às que historicamente se constituíram como hegemônicas. Enfatizamos em nossa roda de conversa que aquele coletivo poderia se propor a discutir formas de atuação na contramão da lógica medicalizante que vem imperando nas escolas municipais de Vitória. Essa roda de conversa produziu um movimento de ampliar a discussão sobre a medicalização da educação para a formação continuada de todos os professores da rede municipal de Vitória. A equipe já nos informou que está viabilizando o início da formação de grupos de professores e outros profissionais da Seme buscando a constituição de práticas desmedicalizantes nas escolas do município.

Conclusões

Apesar de nosso projeto de extensão ter como principal propósito a formação de profissionais da área de educação e saúde visando possibilitar a ruptura com práticas medicalizantes hegemônicas que se perpetuam ao longo de nossa história, sabemos que não podemos atribuir somente a esses

profissionais a produção do processo de medicalização da educação e da vida. Por isso, precisamos lutar por políticas alicerçadas em compromissos tendo como prioridade a formação inicial e continuada dos profissionais dessas áreas, a valorização profissional em termos de salário e condições de trabalho e ainda, mais especificamente no âmbito escolar, buscarmos a autonomia administrativa das escolas, uma discussão sobre o tempo de permanência das crianças em aula, assim como sobre o número de alunos por sala, e a democratização do planejamento de tudo o que diz respeito ao fazer docente e dos profissionais de saúde.

Sem essas condições, a política continuará sendo produtora de fracasso escolar, agora com o agravante de ser também produtora da medicalização da Educação e da Saúde.

Por isso, em nosso projeto de extensão aqui descrito, buscamos desenvolver ações que problematizem práticas medicalizantes e busquem pensar os problemas educacionais como produção de um coletivo, consequência das condições sociais, das histórias vividas, das práticas pedagógicas, das relações que se constroem cotidianamente nas escolas, das políticas definidas para a carreira docente e outros inúmeros determinantes. Nossa aposta na formação de profissionais das áreas de educação e saúde é um compromisso com a contínua construção coletiva de estratégias de enfrentamento, com o propósito de fazer frente às concepções e práticas que medicalizam os processos de atendimento de crianças e jovens, tantos em instituições educacionais como nas de saúde.

Referências

ANVISA (2013). Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde (BRATS). Nº 23 METILFENIDATO NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE.